



## **A AFETIVIDADE COMO DETERMINANTE NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DOS AUTISTAS**

SILVA, Cilene Ferreira dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Prefeitura Municipal de Teotônio Vilela

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo aborda a afetividade como determinante no processo de alfabetização, sendo esta garantia ao direito à criança autista; garantia no sentido de direito; de meios para consecução de defesa e de prerrogativa. Nesse aspecto percebemos os grandes desafios encontrados pelos profissionais da educação para assegurar proteção integral da criança oferecendo condições necessárias ao atendimento das crianças com necessidades especiais, incluindo atendimento pedagógico multidisciplinar, como sistema de inclusão, primordial ao desenvolvimento desses educandos. A Declaração de Salamanca (1994) veio a fortalecer o que estabelece a política de educação inclusiva. Ela se pauta na inclusão de crianças com diagnóstico de algum tipo de deficiência e, que por essa razão, necessitam de uma educação especial.

### **METODOLOGIA**

A presente pesquisa é qualitativa, pois objetiva-se a obtenção de dados descritivos mediante o contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo, procurando entender os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir daí, situar a interpretação desses fenômenos estudados através de um caráter descritivo e enfoque indutivo (MINAYO, 2007; LAKATOS et al, 1986).

### **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Muitas das competências que existem em nossa sociedade são úteis, mas nem todas se aplicam a todos. Pois, educar constitui um processo de troca entre os indivíduos, objetivando estabelecer conexão daqueles que estão em desenvolvimento com a sociedade. Partindo dos pressupostos que a afetividade é eficaz no desenvolvimento de pessoas felizes, éticas, seguras e capazes de conviver com o mundo moderno que a cerca.

No ambiente escolar, o educador, além de dar carinho, e de aproximar-se do aluno, é necessário saber ouvir e valorizar experiências trazidas



pelo seu aluno, contudo as habilidades desenvolvidas no interior das instituições de ensino deveriam extrapolar tal espaço. O processo de alfabetização é muito mais do que reconhecer símbolos e letras, é saber interpretar o que está a sua volta com a leitura de mundo, como diz Freire (1999).

Identificamos desde primeira infância a dificuldade que a criança que desenvolve o autismo tem em fazer trocas sócio-afetivas por meio das relações intersubjetivas e em iniciar a comunicação através da atenção conjunta. A falta de reconhecimento e intervenção precoce pode comprometer o desenvolvimento, a qualidade de vida, da criança autista, pois é de suma importância deixar o educando expressar suas necessidades e anseios para criar vínculos entre estes, onde o professor dar o primeiro passo rumo ao processo afetivo desenvolvendo o processo de ensino e aprendizagem.

## **CONCLUSÕES**

Vale salientar que a criação da lei é algo de muita importância, pois é conclusivo para o processo de inclusão dos alunos com autismo. Afinal surge o resultado de uma luta pelos direitos desses indivíduos, antes excluídos do acesso à educação. Mas, é necessário preparar a escola em sua estrutura física, seus profissionais de modo que se sintam preparados para desempenhar seu trabalho com esses alunos; preparação esta que vai desde a metodologia utilizada até em saber lidar com os diferentes tipos de comportamento que uma pessoa com TEA pode apresentar a depender do grau de transtorno e capacidade de aprendizagem e aceitação afetiva para o processo de alfabetização.

O que uma criança típica aprende e desenvolve naturalmente, a criança com Autismo precisa ser orientada com persistência para fazer. Por isso é preciso pensar em desenvolver tudo o que está imaturo. Pois, quanto mais visual pudermos direcionar as estratégias de ensino mais certo será a compreensão. Na atualidade mesmo após a implantação de novas leis e políticas públicas de inclusão no Brasil, os profissionais ainda têm grandes dificuldades na identificação, compreensão, atendimento e tratamento da população com autismo; devido à falta de informação e formação para trabalhar na prática e desenvolver o processo de alfabetização com efetividade.

## **REFERÊNCIAS**

BRASIL, Ministério da Justiça. **Declaração de Salamanca e Linhas de Ações sobre necessidades Educacionais Especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

(83) 3322.3222

contato@coprecis.com.br

**www.coprecis.com.br**



**COPRECIS**  
CONGRESSO NACIONAL DE  
PRÁTICAS EDUCATIVAS

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. **Saberes Necessários à Prática Educativa**. (1999).

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A.: **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo. Ed. Atlas, 1985. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/10409/1/Conceitos-Em-Pesquisa-Cientifica/pagina1.html#ixzz1SthL9UAS>. Acesso em 23/07/2011.

MINAYO MC. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Abrasco; 2007. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/10409/1/Conceitos-Em-Pesquisa-Cientifica/pagina1.html#ixzz1SthRwPZL>. Acesso em 23/07/2011.